



**LONGE  
DE  
CASA**



Também de Malala Yousafzai:

*Eu sou Malala*, com Christina Lamb

*Eu sou Malala* (edição juvenil), com Patricia McCormick

*Malala e seu lápis mágico*



MALALA YOUSAFZAI

com Liz Welch

# LONGE DE CASA

Minha jornada e histórias  
de refugiadas pelo mundo

Tradução

LÍGIA AZEVEDO

**SÉQUINTE**

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2019 by Malala Fund

Edição publicada mediante acordo com Little, Brown and Company,  
Nova York, Nova York, EUA. Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL

We Are Displaced: My Journey and Stories from Refugee Girls Around the World

CAPA

Sasha Illingworth

FOTOS DE CAPA

© 2019 by Tanya Malott

© Marcus Valance/ SOPA/ LightRocket/ Getty Images

© Photographs 2019 by Tanya Malott

© Dan Kitwood/ Getty Images

IMAGEM DE FUNDO

Chantal de Bruijne/ Shutterstock

MAPAS

rolandtopor/ Shutterstock: pp. 1-3, 6-8

Peter Hermes Furian/ Shutterstock: pp. 12-13, 52-53

dikobraziy/ Shutterstock: pp. 59, 79, 101, 109, 119, 147, 175, 187

pingebat/ Shutterstock: pp. 91, 129, 161

PREPARAÇÃO

Nathália Dimambro

REVISÃO

Adriana Moreira Pedro e Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Yousafzai, Malala

Longe de casa : minha jornada e histórias de refugiadas pelo  
mundo / Malala Yousafzai, com Liz Welch ; tradução Lígia Azevedo.  
— 1ª ed. — São Paulo : Seguinte, 2019.

Título original : We Are Displaced : My Journey and Stories  
from Refugee Girls Around the World.

ISBN 978-85-5534-082-6

1. Migração forçada 2. Refugiados 1. Welch, Liz. II. Título.

19-23517

Cdd-305.23092

Índice para catálogo sistemático:

1. Jovens refugiados : Histórias : Sociologia 305.23092

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500


www.seguinte.com.br

contato@seguinte.com.br

 /editoraseguinte

 @editoraseguinte

 Editora Seguinte

 editoraseguinteoficial

*ninguém deixa sua casa a menos que  
ela seja a boca de um tubarão.*

*só se corre até a fronteira  
quando se vê a cidade inteira  
fazendo o mesmo.*

Warsan Shire, "Home"



# SUMÁRIO


*Prólogo* 9

## **Parte 1: Estou longe de casa**

1. A vida que conhecíamos 15
2. Como isso pode estar acontecendo? 21
3. Deslocamento interno 26
4. Shangla 34
5. A volta para casa 39
6. Entre dois mundos 46

## **Parte 2: Estamos longe de casa**

- Zaynab: Por que eu e não ela? 59
- Sabreen: Sem olhar para trás 79
- Zaynab: Sonhe grande 91
- Muzoon: Vi esperança 101
- Najla: Milhares de pessoas como a gente 109
- Maria: Ninguém pode tirar o que está dentro de nós 119



Analisa: Sorte	129
Marie Claire: Um novo começo	147
Jennifer: Eu precisava fazer alguma coisa	161
Ajida: À noite, caminhávamos	175
Farah: Esta é a minha história	187
<i>Epílogo</i>	205
<i>Nota da autora</i>	211
<i>Agradecimentos</i>	212
<i>Como ajudar</i>	215
<i>Sobre as colaboradoras</i>	218
<i>Sobre a autora</i>	222



## Prólogo

**E**stou andando pelas ruas de Birmingham com meus irmãos, minha mãe e meu pai, e paro por um segundo para sentir a paz. Está em todo lugar à nossa volta, nas árvores balançando levemente com a brisa, no som dos carros indo e vindo, na risada de uma criança, em um casal dando as mãos timidamente pouco atrás dos amigos. Mas também sinto essa paz dentro de mim. Agradeço a Alá por tudo, por estar viva e em segurança, assim como minha família.

Nunca deixa de me chocar que as pessoas considerem a paz algo garantido. Sou grata por ela todos os dias. Nem todo mundo tem essa sorte. Milhões de homens, mulheres e crianças testemunham guerras diariamente. A realidade dessas pes-

soas envolve violência, lares destruídos, vidas inocentes perdidas. A única escolha que têm para se manter seguras é ir embora. Então elas “escolhem” ficar longe de casa. Só que não é exatamente uma escolha.

Dez anos atrás, antes que qualquer pessoa de fora do Paquistão soubesse meu nome, tive que deixar meu lar com minha família e mais de 2 milhões de habitantes do vale do Swat. Não tínhamos outra opção. Não era seguro ficar. Mas para onde iríamos?

Eu tinha onze anos. E tive que migrar.

---

Para qualquer refugiado ou pessoa fugindo da violência, que é a principal causa de deslocamento forçado, parece que hoje não existe um lugar seguro no mundo. Até o final de 2017, as Nações Unidas contabilizaram 68,5 milhões de pessoas que foram obrigadas a se deslocar. Delas, 25,4 milhões são consideradas refugiadas.

Os números são tão impressionantes que esquecemos que são indivíduos que foram obrigados a deixar suas casas. São médicos e professores. Advogados, jornalistas, poetas e líderes religiosos. Além de crianças, muitas crianças. As pessoas esquecem que você era um ativista, um estudante, um pai chamado Ziauddin, uma filha chamada Malala. Os refu-

## PRÓLOGO

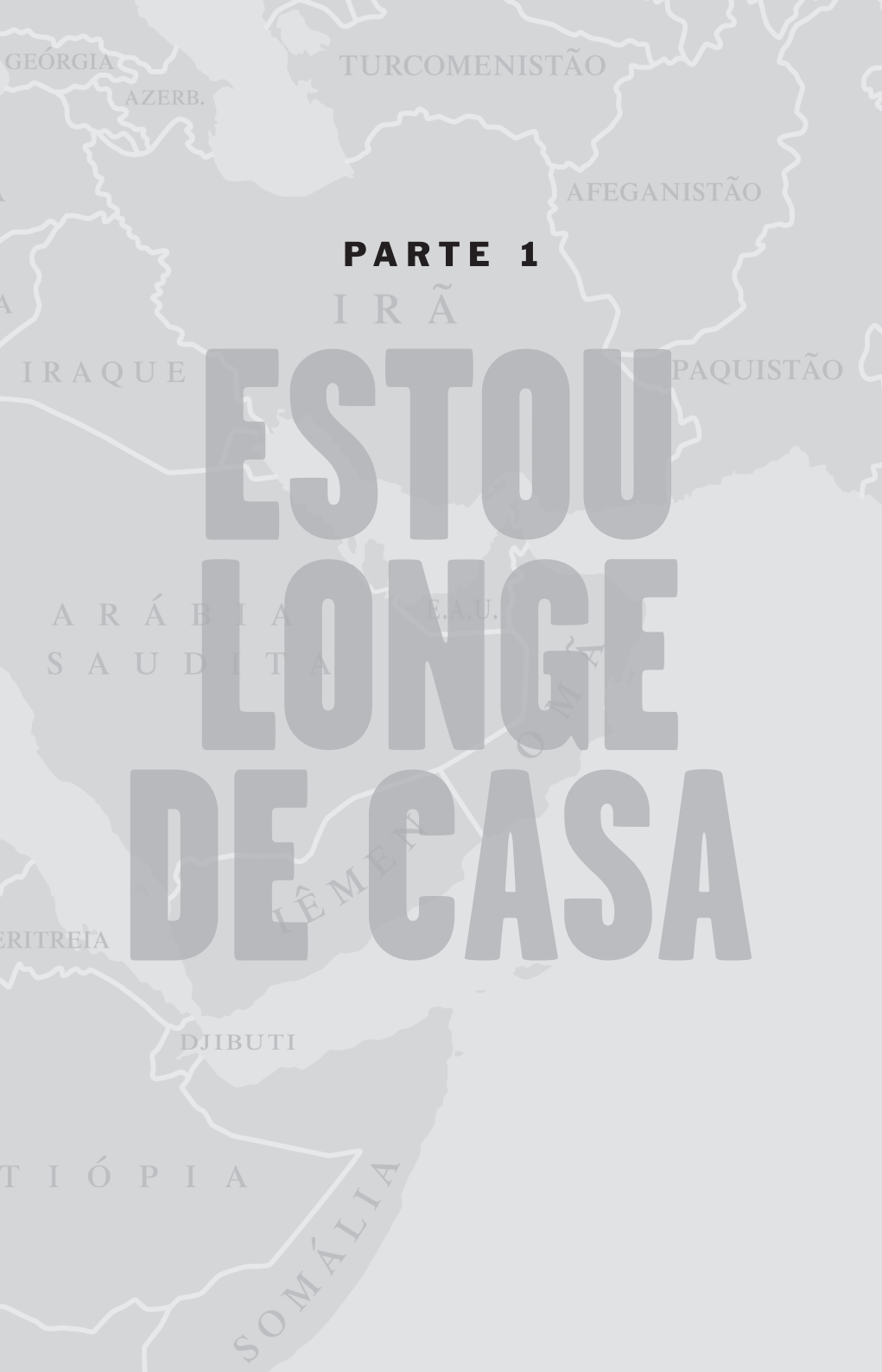
giados que compõem esses números tão impressionantes são seres humanos que esperam um futuro melhor.

Tive o imenso privilégio de conhecer muitas pessoas que precisaram reconstruir a vida, às vezes em um lugar completamente diferente de onde tinham vindo. Pessoas que perderam muito — inclusive gente que amavam — e precisaram recomeçar. Isso significa aprender uma nova língua, uma nova cultura, um novo jeito. Compartilho minha história de deslocamento não por um desejo de focar no passado, mas para honrar aqueles que conheci e aqueles que nunca vou conhecer.

Escrevi este livro porque muita gente não entende que refugiados são pessoas comuns. O que os diferencia é o fato de que se viram em meio a um conflito que os forçou a deixar seu lar, as pessoas que amavam e a vida que conheciam. Arriscaram muito no caminho, e por quê? Porque quase sempre é uma questão de vida ou morte.

E, como minha família fez dez anos atrás, eles escolheram a vida.





**PARTE 1**

IRÃ

ESTOU

LONGE

DE CASA



## A vida que conhecíamos

Quando fecho os olhos e penso na minha infância, vejo florestas de pinheiros e montanhas com picos cobertos de neve; ouço rios correndo; sinto a terra calma sob os pés. Nasci no vale do Swat, que já foi conhecido como a Suíça do Oriente. Outros o chamavam de paraíso, e é assim que penso nele. É o pano de fundo das minhas lembranças mais felizes de criança — correndo pelas ruas com minhas amigas; brincando no telhado da nossa casa em Mingora, a principal cidade do vale; visitando nossos primos e outros parentes em Shangla, o vilarejo nas montanhas onde meus pais nasceram; em casa, ouvindo minha mãe e as amigas conversando durante o chá da tarde e meu pai discutindo política com os amigos.

Me lembro do meu pai falando do Talibã, mas como uma ameaça distante. Desde bem nova, eu me interessava por política e ouvia tudo o que meu pai e seus amigos discutiam, ainda que nem sempre os compreendesse. Naquela época, o Talibã estava no Afeganistão, mas não no Paquistão. Ninguém precisava se preocupar, muito menos eu e meu irmão mais novo, Khushal. Depois chegou o bebê, Atal. Meu maior problema era como me sentia com meus irmãos tomando conta da casa.

Isso começou a mudar em 2004. Eu só tinha seis anos e não notei nada a princípio, mas, em retrospectiva, minhas lembranças são marcadas pelo medo que sei que devia estar cada vez mais evidente no olhar dos meus pais. Cinco anos depois, meu amado vale já não era um lugar seguro, e fomos forçados a deixar nossa casa com centenas de milhares de pessoas.

---

Começou devagar. O país vivia uma era de avanços para as mulheres, mas nossa região andava para trás. Em 2003, meu pai abriu sua primeira escola de ensino médio, e meninos e meninas assistiam às aulas juntos. Em 2004, salas mistas deixaram de ser uma possibilidade.

O terremoto de 2005 foi devastador não apenas pela destruição que causou — mais de 73 mil pessoas morreram, in-



cluindo 18 mil crianças —, mas também pela vulnerabilidade em que deixou os sobreviventes. Quando homens de um grupo extremista que tinha ajudado muitos dos que se deslocaram por causa do desastre natural começaram a pregar que se tratava de um aviso divino, as pessoas ouviram. Logo, esses homens, que mais tarde se juntaram ao Talibã, passaram a defender uma interpretação muito restrita do islã na rádio local. Diziam que todas as mulheres deviam cobrir o rosto e que a música, a dança e os filmes ocidentais eram pecaminosos. Que os homens deviam usar barba comprida. E que as meninas não podiam ir à escola.

Nosso islã não era assim.

Esses fundamentalistas religiosos diziam defender o retorno do antigo estilo de vida, o que era irônico, considerando que usavam a tecnologia — o rádio — para espalhar sua mensagem. Eles atacavam nosso cotidiano em nome do islã. Diziam às pessoas o que usar, o que ouvir, a que assistir. E, mais que tudo, tentavam tirar os direitos das mulheres.

Em 2007, seus preceitos se tornaram mais agressivos e específicos. Defendiam que TVs, computadores e outros aparelhos eletrônicos não apenas fossem banidos dos lares, mas queimados e destruídos. Ainda posso sentir o fedor de plástico e fios derretendo nas fogueiras que organizaram. Desencorajaram com veemência as meninas de irem à escola. Elogiavam

nominalmente pais que tinham mantido filhas em casa e as próprias garotas, e condenavam também nominalmente aquelas que continuavam estudando fora. Logo, declararam a educação de meninas contrária ao islã.

Como ir à escola podia ser contrário ao islã? Não fazia sentido para mim. Como tudo aquilo era contrário ao islã?

Minha família ignorava a maior parte das ordens, mas começamos a baixar o volume da TV, para que ninguém passando na rua pudesse ouvir.

A exigência de que meninas fossem mantidas em casa também chateou meu pai, Ziauddin. Ele dirigia duas escolas que havia começado do nada, uma delas para meninas. A princípio, os extremistas ainda eram um problema periférico para o meu pai — mais uma irritação que um perigo real. O ativismo dele era principalmente ambiental. A cidade crescia rápido demais; a poluição do ar e o acesso à água limpa tinham se tornado problemas. Ele e alguns amigos haviam fundado uma organização para proteger o meio ambiente, promover a paz e a educação no vale. Meu pai estava ficando conhecido por alguns como um homem que devia ser ouvido, e por outros como um encrenqueiro. Mas ele tinha um profundo senso de justiça e não podia se abster na luta pelo que era certo.

Então o Talibã conquistou mais seguidores e mais poder,